

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROG
CAMPUS PEDREIRAS

KÊNIA DE CASSIA SILVA SOUSA

CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO: os modos de existir da figura negra feminina
no subúrbio carioca do século XX

KÊNIA DE CASSIA SILVA SOUSA

CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO: os modos de existir da figura negra feminina
no subúrbio carioca do século XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Letras da Universidade Estadual do
Maranhão – Campus Pedreiras para o grau de
licenciatura.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da
Silva.

Sousa, Kênnia de Cassia Silva .

Clara dos Anjos de Lima Barreto: os modos de existir da figura negra feminina no subúrbio carioca do século XX / Kênnia de Cassia Silva Sousa . – Pedreiras, MA, 2024.

42 f

Monografia (Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, MA, 2024.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva

1. Clara dos Anjos. 2. Discriminação. 3. Mulher negra.
4. Invisibilidade. 5. Raças. I. Título.

CDU: 572.96-055.2(815.3)

Elaborado por Luciana de Araújo- CRB 13/445

KÊNIA DE CASSIA SILVA SOUSA

CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO: os modos de existir da figura negra feminina no subúrbio carioca do século XX

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão – Campus Pedreiras para o grau de licenciatura.

Orientador: Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva.

Aprovação em: //

Documento assinado digitalmente
 **FRANCINALDO PEREIRA DA SILVA**
Data: 05/11/2024 13:47:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva

ORIENTADOR

Documento assinado digitalmente
 **JESSICA BORGES BRUSSIO**
Data: 05/11/2024 13:05:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Esp. Jessica Borges Brussio

1º EXAMINADOR

Documento assinado digitalmente
 **RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA**
Data: 05/11/2024 09:57:42-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Rubenil da Silva Oliveira

2º EXAMINADOR

A Deus por me guiou e permitiu chegar até aqui
e a minha família por ser a minha base, o meu
refúgio em dias difíceis.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus pela dádiva da vida.

À UEMA pela oportunidade de me desenvolver profissionalmente.

Ao meu orientador Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva por todos os ensinamentos que agregaram de forma significativa na minha vida profissional, acadêmica e pessoal.

À minha família que esteve presente em toda a minha trajetória acadêmica.

Ao meu amigo Francisco Dheyson que me incentivou a não desistir, contribuiu de forma grandiosa na minha formação acadêmica.

“A literatura, para mim, é a possibilidade que eu tenho de sair de mim mesma, de indagar o mundo, de inventar um outro mundo e de apresentar a minha discordância com este mundo” (Conceição Evaristo)

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar, a partir de um viés sociológico, os modos de vida da mulher negra no período pós-escravidão, através de sua representação fictícia na obra Clara dos Anjos (1948) de Lima Barreto. Para isso, foi realizada uma investigação dos elementos construtivos da narrativa, de maneira que personagens, espaços, vocabulários, entre outros aspectos configuram-se para justificar a descaracterização e discriminação das personagens negras presentes na obra. Com esse propósito, e com base em sólida fundamentação teórica, a discussão se divide em três momentos: no primeiro momento, discorre-se sobre a literatura e a sociedade, abordando aspectos sociológicos e a representação social, nessa discussão, os aportes teóricos utilizados incluem Antônio Cândido (2006), Aristóteles (2008), Conceição Evaristo (2009), entre outros; no segundo momento, a abordagem se articula por meio da trajetória de vida e da produção literária de Lima Barreto, com enfoque em teóricos como Alfredo Bosi (2013), Zélia Nolasco Freire (2005), entre outros, e por fim, no terceiro momento, é realizada uma análise sobre a construção da figura da mulher negra, frente aos moldes do século XX. Nesse viés, foi possível compreender de maneira clara a dura realidade vivida por boa parte da população brasileira concentrada no subúrbio carioca, focalizando em especial as mulheres negras.

Palavras-chave: Clara dos Anjos; Discriminação; Mulher negra; Invisibilidade; Raças.

ABSTRACT

The present work aims to analyze, from a sociological perspective, the ways of life of black women in the post-slavery period, through their fictional representation in the work *Clara dos Anjos* (1948) by Lima Barreto. To this end, an investigation was carried out into the constructive elements of the narrative, so that characters, spaces, vocabularies, among other aspects, are configured to justify the mischaracterization and discrimination of the black characters present in the work. With this purpose, and based on a solid theoretical foundation, the discussion is divided into three moments: in the first moment, literature and society are discussed, addressing sociological aspects and social representation, in this discussion, the theoretical contributions used include Antônio Cândido (1997), Aristotle (2008), Conceição Evaristo (2009), among others; in the second moment, the approach is articulated through the life trajectory and literary production of Lima Barreto, focusing on theorists such as Alfredo Bosi (2017), Zélia Nolasco Freire (2005), among others, and finally, in the third moment, an analysis is carried out on the construction of the figure of the black woman, in the light of the 20th century. The research is divided into three parts, in which issues such as discrimination, invisibility, relationships between individuals, spaces and races are highlighted, which are reflected in the characterization of the characters.

Keywords: Clara dos Anjos; Discrimination; Black woman; Invisibility; Races.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
2.	A LITERATURA E A SOCIEDADE: aspectos sociológicos da representação literária.....	12
	2.1 Representações sociais na literatura.....	12
	2.2 Literatura preta como um novo paradigma da crítica social e literária.....	17
	2.3 A crítica sociológica na literatura.....	19
3.	LIMA BARRETO NO PRÉ-MODERNISMO: obras, críticas e contribuições...22	
	3.1 O período de transição do pré-modernismo brasileiro.....	22
	3.2 A vivência e as produções de Lima Barreto.....	24
	3.3 A contribuição crítica militante de Lima Barreto em <i>Clara dos Anjos</i>	26
4.	CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO: os modos de existir da figura negra feminina no subúrbio carioca do século XX	29
	4.1 A invisibilidade e marginalização da mulher negra.....	29
	4.2 A vida no subúrbio carioca.....	33
	4.3 A submissão da mulher preta nas relações inter-raciais.....	35
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39

REFERÊNCIAS

1 INTRODUÇÃO

A obra *Clara dos Anjos* (1948), de Lima Barreto, apresenta uma crítica profunda acerca das relações entre as classes dominantes, justamente pelo seu foco narrativo que se centraliza em uma personagem negra que precisa se adaptar aos padrões e costumes impostos pela sociedade. As condições de publicação do romance de Lima Barreto obteve destaque logo num período de transição da literatura brasileira, corroborando para os momentos do Pré-Modernismo brasileiro. Ao apresentar uma protagonista negra tem-se uma mulher que a partir de sua trajetória narrada em terceira pessoa convive em meio a um ambiente totalmente desigual tanto em questão social, política, econômica e cultural.

Em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto cria um ambiente com personagens que se relacionam, dando mais destaque aos comportamentos dessas figuras em meio ao subúrbio carioca. Assim, na obra, a figura da mulher negra no início do século XX é profundamente marcada pelo contexto da pós-escravidão, o que se configura na não integralidade do povo negro, resultando em um cenário de intensa marginalização e exclusão, atingindo principalmente às mulheres negras.

Nesse sentido, objetivou-se examinar como se dá a personificação da mulher negra oriunda dos extratos proletários do subúrbio carioca no século XX frente aos moldes pré-estabelecidos da nova ordem vigente. Para tanto, a presente pesquisa se justifica em destacar os modos de vivência desse grupo marginalizado, ressaltando as questões raciais e de gênero.

As diversas discussões que surgiram a partir desse estudo são de grande relevância, pois abordam o escancarado preconceito estrutural presente no Brasil que perduraram até os dias atuais. Além disso, a análise foi realizada através da escrita de um autor que está em seu lugar de fala, Lima Barreto. Dessa forma, a pesquisa é de suma importância, pois, as discussões acerca do posicionamento da figura negra apresenta as denúncias feitas pelo autor em sua obra *Clara dos Anjos* por meio da posição ocupada pela personagem principal.

Diante da necessidade de buscar compreender toda essa configuração, esse trabalho tem o objetivo de analisar como é representado o lugar da mulher negra na sociedade do século XX, dentro da obra *Clara dos Anjos* de Lima Barreto, bem como compreender como o ambiente em que a personagem é colocada influencia nas diversas formas de comportamento e julgamento, e analisar a crítica social feita pelo autor através de uma história de amor trágica e identificar as relações de poder bem como as relações e desigualdade de gênero.

Para alcançar esses objetivos foi realizado uma revisão da literatura sobre o tema, utilizando uma metodologia bibliográfica detalhada abrangendo estudos de grandes teóricos que fundamentam a discussão. Essa abordagem permitiu uma análise aprofundada que englobou a literatura enquanto sociocrítica e as abordagens de uma literatura militante, ao passo que configura-se como reflexo da realidade. Entre os teóricos analisados estão: Antonio Candido (2006), Aristóteles (2008), Conceição Evaristo (2009), Djamilia Ribeiro (2017) entre outros.

Conquanto, este trabalho está estruturado da seguinte forma: O primeiro capítulo dividido em três tópicos foi realizado uma discussão teórica sobre as representações sociais na literatura, trabalhando aspectos da relação entre a literatura e a sociedade, apoiando-se nos conceitos de verossimilhança e mimeses, para chega-se em uma na literatura negra e a relevância da sociocrítica dentro desses elementos.

No segundo capítulo, também dividido em três tópicos a discussão se dá por meio dos apontamentos acerca da trajetória de vida do autor Lima Barreto, buscando por meio da sua estética estilística um relação com as suas críticas sociais, e o impacto da obra analisada no meio literário. Por fim, o terceiro capítulo se desenvolve através da análise acerca do papel da mulher retratando os aspectos do contexto social da obra.

2. A LITERATURA E A SOCIEDADE: aspectos sociológicos da representação literária.

O capítulo a seguir discute às nuances da representação humana por meio da literatura alinhada à sociocrítica. Nesse sentido, as dinâmicas sociais são constantemente refletidas em ações que têm o objetivo de representar de forma literária o desenvolvimento dos humanos, partindo para uma exploração sobre o quanto o meio literário pode refletir e desafiar as estruturas sociais em vigência. E essas estruturas são moldadas de acordo com o contexto sócio histórico que cada indivíduo está inserido. O capítulo também destaca a flexibilidade da sociocrítica em atuar como um elemento que viaja entre o dito e o não dito.

2.1 Representações sociais na literatura.

As representações sociais são entendidas como um conjunto de concepções que um determinado grupo tem acerca de diversas questões, essas abordam relações sociais como uma forma de compreender o mundo enquanto questões interpessoais e conduta de valores. Dentro do campo literário essas questões são apresentadas por muitas vezes de forma fragmentada ou como um espelho de duas faces da realidade, isso porque, neste campo de conhecimento, a ficção por vezes não é objetiva, transcorrendo em sua essência no não literal.

A realidade é refletida artisticamente em obras literárias como fragmentos perceptíveis de analisar. Desse modo, é possível por meio das obras literárias encontrar caminhos para uma reflexão mais aprofundada acerca de determinadas questões sociais presentes na literatura. Por esse viés, é cabível pensar que aspectos como ideologias, valores e crenças influenciam a escrita literária, através de uma narrativa que aborda a realidade com o intuito de mostrar uma crítica, reflexão ou até mesmo pensamentos do autor.

Em *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido (2006) salienta que:

Dizer que ela exprime a sociedade constitui hoje verdadeiro truísmo; mas houve tempo em que foi novidade e representou algo historicamente considerável. No que toca mais particularmente à literatura, isto se esboçou no século XVIII, quando filósofos como Vico sentiram a sua correlação com as civilizações, Voltaire, com as instituições, Herder, com os povos. Talvez tenha sido Madame de Staél, na França, quem primeiro formulou e esboçou sistematicamente a verdade que a literatura é também um produto social, exprimindo condições de cada civilização em que ocorre (Candido, 2006, p. 28).

Desse modo, é cabível pensar na literatura como um produto social que cria uma relação de influência mútua, abordando diversos significados e representações, trazendo consigo elementos de sua época. Essas abordagens muitas vezes trazem em si uma reflexão social carregadas de subjetividade, empregando construções mentais em prol de uma crítica social que venha retratar questões políticas, étnico-raciais, culturais e ideologias, possibilitando fazer inferências a partir dos diversos conhecimentos de mundo que cada leitor ou crítico carrega consigo.

As representações sociais configuram-se como símbolos sobre as formas de escrita. Pensar então nesses símbolos como um meio de representação literária, na qual a sociedade busca para refletir suas nuances na realidade de forma poética, é pensar também que esses elementos podem ser construídos socialmente, ou seja, construções pré-estabelecidas e controladas a partir de padrões que foram criados ao longo da evolução humana. Esses padrões permitem que o homem mantenha-se imerso em modelos comportamentais de conduta criados por ele mesmo. E, conseqüentemente, cria instituições que tem o objetivo de controlar esses modelos e fazer com que sejam seguidos de forma exata.

Desse modo, é importante ressaltar que esses apontamentos estão relacionadas a ficção, ou seja, são representações e símbolos que não têm a obrigatoriedade de se manter fiel a realidade, visto que na literatura a linha tênue entre realidade e ficção tem que ser notada e respeitada. Mesmo que em muitos casos ela seja difícil de entender. De modo que algumas narrativas mostram temas bastante recorrentes e comuns do cotidiano, mas que de alguma forma, são marcados pela verossimilhança.

Os primeiros registros desse termo tem sua origem nos estudos de Aristóteles, em seus apontamentos na obra *Arte Poética*, escrita por volta do século IV a.C antes de Cristo. Nessa perspectiva a verossimilhança é a essência da ficção. Ela é a noção de verdade que o texto literário é capaz de produzir. Sendo ela responsável por mostrar a lógica interna da história ao passo que se assemelha à lógica do mundo exterior da obra. Mediante isso, a literatura é dotada de diversos posicionamentos, onde a verossimilhança possibilita ao leitor uma leitura repleta de devaneios que começam a ser construídos ao se ter noção do que é verossímil e essa construção é finalizada quando universo da verossimilhança é construída dentro de uma obra.

É necessário que em uma obra os pontos dos acontecimentos estejam interligados, permitindo que a criação de uma causa e uma consequência seja necessária, onde um acontecimento que inicia a narrativa seja coerente e tenha uma justificativa ao final da história, a qual, deixa claro ao leitor que tais ocorrências tenha uma certa lógica dentro da narrativa, o

autor cria um universo alternativo, onde tudo o que acontece seja verdadeiro para aquele mundo, mesmo que na realidade estes fatos não sejam.

Em a *Poética* (2008) de Aristóteles a verossimilhança apresenta dois aspectos importantes que possibilita a noção de verdade passada pela narrativa. O primeiro aspecto diz respeito à verossimilhança interna, que fala da coerência interna que liga todos os fatos importantes da obra, ou seja, esse mundo paralelo pode apresentar fatos absurdos se comparado a realidade, mas, se essa mesma obra apresenta coerência entre os personagens, tempo e enredo, tudo que ali foi criado parecerá verdadeiro. O segundo aspecto é a verossimilhança externa, que consiste em apresentar uma abordagem alinhada e semelhante ao mundo real, podendo trazer aspecto históricos, sociais e culturais.

O termo *mimesis* teve sua origem na filosofia grega, tanto o filósofo Platão quanto Aristóteles tecem contribuições acerca de seus conceitos. Em *Poética* (2008) de Aristóteles, esse pensamento a respeito da *mimesis* ultrapassa o valor simbólico da imitação. As representações ganham um valor grandioso na literatura acerca das ações humanas, essa imitação do real, não apenas reflete a realidade, como cria uma possibilidade de aperfeiçoamentos. Dessa forma, tais aprimoramentos abrem espaços para melhorar o que já existe, possibilitando que diversas interpretações do que já foi visto sigam padrão de elevar assim o homem como ser pensante e crítico.

Desse modo, as representações literárias refletem uma realidade mimética, dialogando entre a sensibilidade do mundo exterior. Sua finalidade vem do princípio que diz que a arte imita a vida. Diferente da verossimilhança que se manifesta através das possibilidades, de modo que dentro daquele mundo tais acontecimentos são aceitáveis. A *mimesis* por sua vez, refere-se a imitação ou representação do mundo real, de maneira que essas representações se manifestem em diferentes áreas artísticas; as ações humanas aqui são refletidas de igual modo, possibilitando a recriação das ações em um nível que captura e internaliza a essência de maneira que estas ações são elevadas a níveis profundos de significados.

Além das implicações em tentar fazer essa construção lógica com a realidade, tem-se por sua vez, a compreensão da sua principal finalidade que se sobrepõe na imitação do real, a mimese permite também criar a possibilidade de fazer algo melhor a respeito do que está sendo representado. De modo que tais aperfeiçoamentos abrem espaços para que o homem possa melhorar o que já existe, algo capaz de levá-lo à condição de se deparar com diversas interpretações do que já foi visto antes.

É natural do homem trazer para seu convívio as representações de algo que está a sua volta, pois desde sempre o ser humano busca maneiras de se expressar, corroborando para o mundo suas certezas e inquietações. A escrita seria desde o início de tudo, uma aliada para expor diversos tipos de sentimentos, buscando e provocando reflexões. Ora, é cabível pensar que determinado comportamento encontra-se no campo do querer, ou seja, no prazer do ser humano, e, conseqüentemente, encontrando prazer na imitação, na criação e na recriação de um produto novo de requinte ao mundo. Dessa maneira, Aristóteles (2008) evidencia que:

Parece ter havido para a poesia em geral duas causas, causas essas naturais. Uma é que imitar é natural nos homens desde a infância e nisto diferem dos outros animais, pois o homem é o que tem mais capacidade de imitar e é pela imitação que adquire os seus primeiros conhecimentos; a outra é que todos sentem prazer nas imitações. Uma prova disto é o que acontece na Realidade: as coisas que observamos ao natural e nos fazem pena agradam-nos quando as vemos representadas em imagens muito perfeitas como, por exemplo, as reproduções dos mais repugnantes animais e de cadáveres. A razão disto é também que aprender não é só agradável para os filósofos mas é-o igualmente para os outros homens, embora estes participem dessa aprendizagem em menor escala (Aristóteles, 2008, p. 42, 43).

Nesse viés, a *mimesis* está atrelada ao prazer, sua essência não fica só no campo de quem as recebe, de forma que tanto a produção quanto a recepção se correlacionam, permitindo uma influência e conseqüentemente uma aprendizagem que caminha em uma via de mão dupla. Esse conhecimento por sua vez, venha ser ordenado a qual, tudo que vier a ser representado possui um início, meio e o fim. E só será de fato a *mimesis* em toda sua perspectiva de prazer e aprendizado, quando se tem conhecimento do objeto original, ocorrendo então o contraste da criação e da recriação.

Partindo dessa perspectiva de representações, o enredo e sua construção tem sua relevância no contexto social. Os personagens e a caracterização ou representação de um mundo dentro de uma obra contribuem para uma compreensão acerca de diversos estereótipos existentes na sociedade, bem como também diz muito sobre a quebra desses aspectos. De modo que, diversas manifestações são atribuídas através dos personagens e seus contextos, onde, estes venham representar diferentes grupos sociais. Evidenciando através de seu desenvolvimento enquanto personagem, importantes questões que abarcam uma pluralidade de simbologia, que vão desde as desigualdades sociais às ideologias e lutas por direitos. A construção da identidade de um personagem é uma poderosa ferramenta de reflexão, de maneira que, a partir do momento em que o autor explora sua representação social, ele possibilita uma ampliação da compreensão sobre o mundo, a sociedade, e homem enquanto ser único.

Nesse meio literário as construções de personagens cheios de estereótipos muitas vezes se fazem presentes de forma recorrente. Tomemos a exemplo estereótipos da mulher negra na

literatura. Essa por sua vez tem sua representação social dentro de aspectos históricos que caminham ao lado dos seguintes termos: invisibilidade e injustiça: historicamente a mulher negra foi posta no meio literário de maneira marginalizada e subjugada. Personagens mulheres se encontravam limitadas em sua intelectualidade sendo postas sempre em comparação aos personagens masculinos, onde estes eram sempre melhores em toda a instância da vida em sociedade. E quando essas personagens eram negras, tudo isso se eleva a altos níveis de discriminação. Segundo Conceição Evaristo (2009):

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor.

Percebe-se que a personagem feminina negra não aparece como musa, heroína romântica ou mãe. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra, não lhe conferindo nenhum papel no qual ela se afirme como centro de uma descendência (Evaristo, 2009, p. 23).

Em razão desse paradigma dominante, a representação da mulher negra na literatura é um tema multifacetado, de modo que, os aspectos que levam tal manifestação acontecer vem associado em diversas esferas, e entender todo processo da representação da mulher negra em níveis que as colocam na inferioridade muitas vezes se torna bastante complexo. Dessa forma, é necessário ter um olhar observador em várias dimensões, dimensões essas que abarcam o campo histórico, político, cultural e social.

A literatura afro-brasileira é o símbolo de resistência e identidade. Ela se destaca por ser rica em retratar as diversas manifestações da cultura brasileira. Suas características refletem nas ações humanas e dialogam com questões sociais e históricas. As experiências que são abordadas nessa literatura denota de forma abrangente as conquistas e lutas do povo negro no Brasil. Essa literatura ganha um lugar exclusivo no que refere aos discursos de quem faz parte desse meio, afim de que a ideia de identidade aqui é refletida em valores que se apoiam na linguagem que constrói um texto. Nesse viés, o negro e o afrodescendente seria o enunciador se sua história, sendo um corpus literário, “esse corpus se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira”. (Evaristo, 2009, p. 17)

Essa literatura cresce em grande quantidade a cada dia. No entanto, ainda que sua visibilidade tenha sido ampliada, é necessário a quebra de determinados paradigmas que abrirão espaços para essa afro-brasilidade de forma institucional. Essas demandas ocasionam a necessidade de que haja mais teóricos que de fato tenham conhecimento científico e criativo

acerca dessa identidade, desse modo, novas reflexões serão levantadas e conseqüentemente novas abordagens serão realizadas criando novos meios mais precisos para que todos possam compreender os conceitos de literatura negra e literatura afro-brasileira.

Conceição Evaristo evidencia que:

Afirmando um contra-discurso à literatura produzida pela cultura hegemônica, os textos afro-brasileiros surgem pautados pela vivência de sujeitos negros/as na sociedade brasileira e trazendo experiências diversificadas, desde o conteúdo até os modos de utilização da língua. Por exemplo, enquanto o livro *A cor da ternura* (1989), de Geni Guimarães, pode ser lido como uma espécie de autobiografia ficcionalizada da autora, o livro *Caroço de dendê* (1996) de autoria de Beatriz Moreira da Costa, Mãe Beata de Iemanjá, traz vivências de terreiro que se transformam em temática narrativa para a autora (Evaristo, 2009, p. 27).

Nessa conjectura, é notório o espaço em que a literatura preta ocupa no atual cenário brasileiro, onde sua visibilidade já se faz presente nas vozes negras que buscam seus direitos enquanto massa intelectual, enquanto meio literário. Suas contribuições em relação a cultura nacional ampliaram os estudos sobre a sociedade brasileira e sua história, buscando não só uma identidade enquanto movimento único mas também enquanto símbolo nacional. No entanto, ainda existe barreiras que devem ser quebradas e pautas levantadas acerca de como deve ser de fato o lugar dessa literatura na cultura nacional.

2.2 Literatura preta como um novo paradigma da crítica social e literária.

O negro na sociedade é ainda é um povo marcado por lutas, conquistas e exclusão. Essas questões também ainda estão fincadas no meio intelectual, ou seja, a literatura preta seria então um lugar de afirmação de identidade e um lugar onde se possa refletir sobre a reivindicação da cidadania desse povo. A origem dessa literatura é a relação direta entre a subjetividade negra e um meio do qual esse povo busca para um reconhecimento. Essa subjetividade está atrelada ao reconhecimento de si.

Tem-se o Brasil como um exemplo desse não reconhecimento, onde a dominação cultural do homem branco é um paradigma recorrente e absurdamente esmagador. Nesse ponto, a literatura oficial brasileira, pautada nos clássicos como exemplo, mostra a grande quantidade de escritos que são produzidos pelos brancos e conseqüentemente tendo em maior força personagens brancos. A presença de personagens negros, em sua maioria, é repleta de estereótipos que não representa de fato a grande massa brasileira. Ocorrendo muitas vezes a descriminalização com personagens absurdamente sexualizados.

O negro na literatura brasileira, principalmente nos séculos anteriores, eram carregados de estereótipos que os colocavam em posições de julgamento e invisibilidade, a constante recorrência de elementos que tinham o objetivo de interiorizar por muitas vezes estava atrelada

a construção da mulher preta sexualizada, onde características como a “mulata de corpo esbelto” ou a “mulata dossel” eram perceptíveis de encontrar. Já o homem negro era construído com base no vitimismo. Essas características eram reforçadas de forma contínua, pois esses personagens eram criados a partir da visão do homem branco.

A literatura negra possibilita a quebra desse paradigma dominante. Dessa forma, essa leitura abriu espaço para que esse povo alcance a integridade, rompendo esse círculo vicioso. A quebra desse círculo vem em forma de uma literatura militante. De modo que a voz de quem escreve tenha uma força significativa, constituindo então o lugar de quem fala. No campo discursivo, esse lugar tem uma relevância no que se refere a quem está enunciando a narrativa. Pensar não só no que está sendo abordado mas também quem está abordando, de maneira que, este leva consigo experiências próprias que vai trazer de certa forma um influência para seu discurso. Na obra *O que é lugar de fala?*, Djamila Ribeiro (2017) aborda que o lugar social em que cada pessoa ocupa possibilita que o indivíduo tenha uma experiência distinta, assim o termo da universalidade não venha ser o foco, rompendo uma visão universal sobre determinado tema, visualizando então, as múltiplas vozes que ocupam o discurso.

Ainda em *O que é lugar de fala?*, Djamila Ribeiro tece reflexões acerca da herança escravocrata existente no Brasil e em como essa condição permite encontrar múltiplas vozes, múltiplas experiências, e essas condições vão desde o lugar de quem sofreu opressão, e com isso ainda vive com vestígios desse acontecimento, ao lugar de pessoas que se beneficiou e ainda se beneficia com essa opressão. Mediante isto, é possível notar que a relevância da literatura preta consegue ganhar proporções inimagináveis, isto porque ela dá voz e representa quem de fato viveu e conhece toda essa estrutura racista que vigora na sociedade.

Antes do século XX, movimentos negros já ganhavam espaços e notoriedade, sendo o caso de movimentos que ocorreram em outros países e que vinham ganhando visibilidade em diversos áreas. Esses acontecimentos mesmo que de longe possibilitou que outros países tomassem por conhecimento a consciência do ser negro e de seus direitos. E conseqüentemente criando uma grande massa de movimentação acerca da segregação social. Dessa maneira, esses movimentos influenciaram o meio intelectual abrindo caminhos para uma futura identidade literária preta.

Maria Nazareth (2014) argumenta que:

Nas primeiras décadas do século XX, surgem, nos Estados Unidos, diversas manifestações literárias que, num sentido geral, ficaram conhecidas como o Renascimento Negro Norte-americano. Esse movimento, através de suas vertentes – o Black Renaissance, o New Negro e o Harlem Renaissance – se pautou pela assunção dos vínculos que o ligavam ao continente africano e pela rejeição aos valores

defendidos pela chamada “white middle-class” norte-americana. Várias publicações lançadas na década de 1920 constituem contribuições importantes do movimento e de suas vertentes por tocarem em questões relacionadas com a segregação vivida pelo negro norte-americano e na luta pela conscientização de seus direitos como cidadão (Nazareth, 2014, p. 01).

Esses movimentos contribuíram para dar voz as pessoas que lutavam para alcançar o direito e a visibilidade à literatura negra, fortalecendo concepções que eram atribuídas a fortes conteúdos de reivindicação. E fortalecendo o combate aos pensamentos que colocavam o homem negro a uma posição de inferioridade, a qual, sua condição social e por vezes intelectual já eram estabelecidas e determinadas. Os colocando em uma posição de submissão mesmo que os tempos escravocratas já estivessem no passado.

A existência de autores no Brasil que contribuíram para o movimento negro a partir da literatura não encontra-se presente somente na contemporaneidade, isto é, autores como Lima Barreto, Machado de Assis já se mostravam presentes no meio literário, Lima Barreto por sua vez, evidenciava por meios de seus escritos o descaso que a população negra sofria, tecendo reflexões acerca do ser negro no Brasil pós escravidão.

2.3 A crítica sociológica na literatura.

No que tange às discussões sociais na literatura, o esclarecimento de uma perspectiva crítica tem uma correlação mútua, no qual o texto e o contexto se interligam, o meio externo e interno passam a ser visto não de forma dissociada, mas que na obra é possível observar diversas manifestações externas. Desse modo, “hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra” (Candido, 2006, p. 04).

Pensar na crítica sociológica é pensar que a literatura está atrelada a uma realidade social, e essa realidade não tem meios para se fazer por si só. De modo que ao fazer uma análise a partir da sociocrítica, essa leitura passa a tratar os fatos sociais por uma visão orgânica, ou seja, o social passa a ser um elemento atrelado tanto através ao contexto de produção quanto a construção do enredo. Esses aspectos externos são, a partir daí, considerados elementos textuais, possibilitando que estes se desenvolvam em discursos literários. Essa vertente procura vê todo o aspecto literário como algo que vai além do caráter imanente, no qual esses aspectos se constituem enquanto elementos sociais e culturais. Desse modo, elementos como a língua, o contexto e uma determinada época, são elementos que devem ser considerados nessa perspectiva sociocrítica.

Antonio Candido salienta que:

Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os

quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio (Candido, 2006, p. 30). Essa conjuntura evidencia um “sujeito” implicado no texto, este por sua vez, seria o meio entre a obra e o social. Desse modo, é cabível pensar que o sujeito se comporta e se constitui a partir de relações, manifestações que o interligam com o outro de forma individualmente e com o outro de forma coletiva. Considerando a partir desses elementos, sociedade em que se constitui o autor e a sociedade em que ele idealiza e as influências do meio externo nela. Dessa maneira, ao olhar para esse sujeito é evidente que ele não só é um produto social mas ele também é um produtor. De modo que, esse “sujeito” na realidade social não se torna sujeito de forma independente, visto que suas manifestações vêm de forma contextualizada.

Pensando que o sujeito não se constitui por si só, e que ele busca se desenvolver enquanto ser humano que está sempre em contato com o outro, onde ele, interage e se relaciona, o teórico Mikhail Mikhailovitch Bakhtin, desenvolveu a teoria Bakhtiniana: uma linguagem de reflexão e sentido. Nessa perspectiva Bakhtin (1997) favoreceu a ideia de concepção de língua e linguagem, onde a linguagem é entendida como um fenômeno social que é essencialmente ligado às interações humanas. Nesse viés, os significados das palavras se constitui através do dialogismo, esse por sua vez, se constitui através das diferentes vozes e dos diferentes contextos. Esse dialogismo está ligado a um emaranhado discursivo que provoca respostas enunciativas e, conseqüentemente, vai gerando outros enunciados. Desse modo, Bakhtin (1997) evidencia que:

Alternância dos sujeitos falantes, ou seja, pela alternância dos locutores. Todo enunciado –desde a breve réplica (monolexêmica) até o romance ou o tratado científico –comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes de seu início, há os enunciados dos outros, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada Compreensão). O locutor termina seu enunciado para passar a palavra ao outro ou para dar lugar à compreensão responsiva ativa do outro. O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes, e que termina por uma transferência da palavra ao outro, por algo como um mudo “dixi” percebido pelo ouvinte, como sinal de que o locutor terminou (Bakhtin, 1997, p. 394).

Dessa forma, essa teoria enfatiza a importância das interações e do diálogo com o outro de maneira que o contexto deve ser levado em consideração quando se faz a interpretação dos diálogos. Os fatores situacionais que envolvem elementos históricos e culturais devem ser

considerados fatores que ajudam de certa forma a compreender o sentido de um enunciado quando se olha para seu contexto de uso. Partindo dessa perspectiva Bakhtiniana é possível fazer um entrelaçamento com a sociocrítica que possibilita fazer uma associação que visa contribuir para uma análise sociológica ampliada.

Dessa forma, ao iniciar uma leitura, o leitor é condicionado a ter uma consciência do seu meio. Essa consciência é um produto social que se sensibiliza durante a leitura, encontrando marcas simbólicas que vão desde as diversas formas comportamentais à crenças ideológicas que aproximam o leitor ao texto, através de reflexões que evidenciam as contradições sociais ele conhece.

A partir de uma análise sociocrítica fragmentos de dimensões sócias dentro uma obra é encontrada quando se tem noção do que é social, elementos como costumes e comportamentos particulares evidenciam marcas que podem ser associadas com as características do período em que a obra foi escrita. Esses elementos se apresentam de forma organizada e orgânica no texto, possibilitando uma coerência dos elementos internos da obra, no qual determinados aspectos se configuram na transformação de elementos externos para se tornarem internos da obra. Antonio Candido vem afirmar que: “Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno” (Candido, 2006, p. 13).

Desse modo, pelo olhar da crítica é relevante considerar elementos que condicionam e internalizam os enredos de maneira que o social se manifesta dentro da obra, porém, é importante considerar também que esses elementos estão ligados à mimeses e a verossimilhança. Nessa perspectiva é relevante levantar questionamentos que circundam a análise crítica considerando os prós e os contras, ou seja, em que ponto tais manifestações se configuram como uma marca da sociedade e em que medida esse entrosamento deve ser considerado

3. LIMA BARRETO NO PRÉ-MODERNISMO: obras, críticas e contribuições.

O capítulo a seguir aborda a realidade do autor Lima Barreto enquanto um grande participante da estética pré-modernista. Levantando discussões sobre sua trajetória de vida, bem como a transição do pré-modernismo e a influência desses aspectos em suas produções. Ao ponto de ele vir a tornar-se um autor que contribuiu para a formação de uma literatura que almejava por através dos escritos questionar e revelar as desigualdades sociais existentes na virada do século XIX para o XX. Ao passo que essa escrita refletiu não apenas em sua trajetória

de vida pessoal enquanto um homem negro, mas também contribuiu de forma significativa na luta contra o academicismo literário.

3.1 O período de transição do pré-modernismo brasileiro.

O pré-modernismo foi um período que marcou o momento de transição entre o simbolismo e o modernismo, resultando em um conjunto de elementos que marcaram o meio intelectual. Além da marcante virada do século XIX para o XX, esse momento pré-modernista também ficou marcado pela junção de movimentos “neos”, que une características de correntes literárias como o neoparnasianismo, neossimbolistas, neorromânticas. Esse momento literário ficou conhecido por se desprender da condição de decadência estética que permeou o Brasil, resultando em uma realidade inquietante marcada no seio nacional. Esse período de transição se destacou também por apresentar elementos contrários a escolas literárias anteriores, se distanciando das convenções estéticas do Parnasianismo e Simbolismo, cuja transcendência e abstração ficariam cada vez mais no passado, bem como o rigor e a forma.

Acontecia no Brasil questões literárias que não correspondia com o que estava vigência na época, entre os períodos de 1902 a 1922, essas questões marcava o país e o meio intelectual com algo que para muitos era difícil de denominar, visto que havia uma confluência de várias correntes literária juntamente. Os autores da época tinham entre si a liberdade de se desprender do modo estilístico que era dominante no momento, não apresentando, assim, uma característica própria e fixa, mas apenas alguns aspectos que ora ou outra, era recorrente de se encontrar. Desse modo, a homogeneização não era uma ponte chave nesse momento de transição.

O contexto histórico que rodeia o movimento pré-modernista vai dizer muito acerca de alguns desses aspectos encontrados nas obras literárias do período. O Brasil sofria ainda as consequências da mudança de regime - a transição de monarquia para o que seria chamado tempos depois de república velha. Essa república seria forjada numa aliança entre São Paulo e Minas Gerais, que tinha o intuito de obter o controle político do Brasil. Essa camada da sociedade Brasileira detinha uma grande influência sobre os modos de existir daquela época. Em vista disso, todo esse contexto, juntamente com a ascensão da burguesia industrial, configurou-se como meio de influenciar e ditar as regras da sociedade.

As camadas da sociedade Brasileira nesse momento histórico estariam divididas de acordo com os moldes do novo regime político, fazendo com que novas subdivisões de classes aparecessem, mostrando então, apesar dos avanços do país, vários conflitos existentes em diversos lugares do Brasil. Nesse sentido, alguns autores como Euclides da Cunha e Lima

Barreto emergiram no campo social e regional com suas produções, desenvolvendo críticas sociais que deixava evidente as tensões sociais que muitas vezes não eram visíveis para as classes dominantes.

Alfredo Bosi (2013) em *História concisa da literatura brasileira* destaca a complexidade do momento pré-modernista no Brasil, explorando os aspectos predominantes nos autores mais consagrados do momento em questão:

Caberia a romance de Lima Barreto e de Graça Aranha, ao largo ensaísmo social de Euclides, Alberto Torres, Oliveira Viana e Manoel Bonfim, e a vivência brasileira de Monteiro Lobato, o papel histórico de mover as águas estagnadas da *Belle époque*, revelando, antes, dos Modernistas, as tensões que sofria a vida nacional (Bosi, 2013 p. 327).

Essas tensões sociais e políticas mudaram significativamente a estrutura do Brasil, possibilitando que tais questões influenciassem a literatura e a arte, das quais muitos autores tentavam retratar a realidade de maneira mais crítica e real. As representações sociais nesse momento estariam marcadas pelo realismo crítico, de forma que diversas realidades brasileiras foram demarcadas e evidenciadas. Conseqüentemente os aspectos sociais se desenrolavam de forma complexa, e o pré-modernismo exerceria então um papel de tentar retratar toda essa complexidade, visto que os aspectos estilísticos se mostravam em diversas formas de expressão, ganhando outros recursos estéticos e temáticos.

É notório que nesse momento a literatura evidenciou conflitos marcantes da realidade brasileira e buscou capturar uma cultura que de fato resalta as raízes do povo, buscando também uma condição de elevação do que é próprio e do que realmente faz sentido na sociedade. Assim, as obras do período mantiveram constante relação com as vanguardas europeias. Por um lado vê-se a cultura nacional sendo amplamente discutida, por outro vê-se as questões universais como um elemento que corrobora para um contraste de contradições.

Segundo Bosi (2013, p. 326), “[...] o sentimento do contraste leva a um espinhoso vaivém de universalismo e nacionalismo, com toda a sua sequela de dogmas e anátemas”.

Para Bosi (2013) os homens de 22 que foram responsáveis por liderar o movimento modernista (Mário de Andrade, Paulo Prado, Oswald, Cândido Motta Filho, Menotti, Sérgio Miliet, Guilherme de Almeida) viveram toda a dramaticidade que marcou o período, isto é, esses escritores enfrentaram a complexidade existente entre absorver a “cultura ocidental” e abraçar o sentimento nacional, tendo então uma consciência dividida que se sucedeu de forma gradual e dinâmica, desenvolvendo-se no seu início de forma apressada e tendo como consequência a presença de escritos que mesclavam aspectos universais com elementos nacionais, e isso, de certa forma seria um resquício estilístico advindo de vanguardas anteriores.

No entanto, esses acontecimentos mais tarde trariam belos frutos no meio intelectual brasileiro.

Assim, esse período de transição é caracterizado pela busca de uma identidade nacional, no qual o regionalismo ganhou palco dentro de muitas produções literárias. Esse aspecto regionalista se desenvolveu dentro das obras através do realismo social, de maneira que a realidade brasileira seria retratada na sua nua e crua verdade. Características como a vida rural, mazelas e conflitos foram temáticas profundamente abordadas pelos pré-modernistas. Escritores como Euclides da Cunha colaboram com temática rural nacionalista. Em obras como *Sertões* (1902), Cunha retrata os conflitos sociais do sertão nordestino, evidenciando uma consciência crítica capaz de visualizar as barbaridades da guerra de canudos.

3.2 A vivência e as produções de Lima Barreto.

Afonso Henrique de Lima Barreto, mais conhecido como Lima Barreto, nasceu no Rio de Janeiro em 1881. Sendo filho de pais mestiços conheceu e sentiu na pele desde muito cedo os obstáculos que uma pessoa negra sofreria ao nascer em uma época recém saída da escravidão. Apesar da condição econômica de sua família ser considerada baixa, tendo poucas posses, Lima Barreto com ajuda de seu padrinho, um visconde de Ouro Preto, conseguiu completar o curso secundário além de também ingressar na escola politécnica que tempos mais tarde veio abandonar. Tempos depois tendo, apesar dos obstáculos, alcançando uma vida mais ou menos amena, vivendo como funcionário.

Após abandonar a escola e ver que o pai passava por momento difícil em decorrência de uma doença mental, Lima Barreto se vê em uma posição de buscar ajudar a família economicamente, tornando-o responsável pelo provento familiar. Nesse período o escritor consegue um cargo público e almejando a partir daí se consagrar no meio literário, ainda que tudo indicasse no seu futuro que não conquistaria grandes feitos. Lima Barreto foi atuante em várias áreas profissionais, sendo autor de romances, contos, crônicas e também um grande jornalista crítico.

Tendo a consciência que sua origem humilde dificultaria sua ascensão no meio intelectual, o jornalista se encontrava em determinado momento de sua vida como um homem angustiado, que se via como vítima marginalizada e compreendia a grandeza da escrita como meio de motivação e de reflexão para si próprio e para o mundo, principalmente as classes do subúrbio, que eram consideradas como inferiores em relação às classes elitizadas da sociedade. Sua voz através de seus escritos tornaria um dos principais objetos de combate e de desabafo a respeito das questões nacionais, mostrando como de fato elas realmente eram ocorridas. Bosi

(2013, p. 341) afirma que “o ressentimento do mulato enfermiço e o suburmanismo não o impediram porém, de ver e de configurar com bastante clareza o ridículo e o patético do nacionalismo tomado como bandeira isolada e fanaizante”.

No período em que Lima Barreto atuou como funcionário público, dedicou-se também à literatura, dando início em 1904 o romance intitulado *Clara dos Anjos*, que somente viria a ser publicado em 1948, postumamente. Essa obra retrata os conflitos do subúrbio, bem como as diversas formas de envolvimento entre as classes dominantes e suas formas de opressão. Além dessa obra, o escritor também produziu no ano de 1905 *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, cujo seu enredo trata do racismo da subordinação. Esse escrito traz consigo um aspecto bibliográfico, uma aproximação da realidade entre obra e autor, isto é, há dentro do enredo questões burocráticas e jornalísticas, elementos bastantes presentes na vida de Lima Barreto, visto que o escritor foi um grande colaborador no meio jornalísticos, utilizando esse recurso para fazer as publicações de suas produções. Bosi (2013, p.340) aponta que

Em *recordações do escrivão Isaías caminha*, a uma nota autobiográfica ilhada e Inesperada nos primeiros capítulos; mas tende a diluir-se à medida que o romance progride, os objetivando-se e abraçando as descrições de tipos vários: o político, o jornalista, o burocrata carioca do começo do século. De crônica sentimental da adolescência a obra passa a *roman à clef*, com todas as limitações do gênero, apontadas, aliás como lucidez, por José Veríssimo em carta ao autor estreante: [...] (Bosi, 2017, p. 340).

Essa aproximação traz um conjunto de elementos que carregam a ideia de alternância entre o personagem e o autor, onde as frustrações de Lima Barreto se manifestam dentro da obra e de outras produções suas. Tal afirmação possibilita inferir que a condição de angústia em relação ao que acontecia com as classes marginalizadas, seria então um dos principais meios de motivação para desenvolver seus escritos, além de seu amor pela literatura.

Condição essa que era totalmente contrária ao que acontecia no mundo e principalmente no Brasil. Diante do grande progresso que o Brasil passava e das diversas mudanças e manifestações que eram atribuídas às classes dominantes, por essa razão, transmitia-se para o mundo um sentimento de esperança atrelada ao pensamento de futuro promissor para toda a população. Essas mudanças afetaram diversas áreas e camadas de forma positiva e negativa individual e coletivamente. E é nesse contexto que o meio literário também é afetado, banhado também nas novas possibilidades da tão comentada modernidade. Lima Barreto crescia nesse meio de forma a visualizar as mazelas sofridas pela população, rompendo com a literatura dominante, onde o protagonismo estaria nas formas de expressões linguísticas, na perfeição e no cuidado com a norma.

Lima Barreto utilizou de vários escritos para externar suas reflexões e críticas, publicando mais uma vez em 1911 a obra *Triste fim de Policarpo Quaresma*, em folhetins do jornal do comércio. Nos anos seguintes: *Numa e Ninfa* em 1915, *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* em 1919 e em *Os Bruzundagas*.

Em *Impressões de leitura e outros textos* (1956), Lima Barreto declara que a literatura não poderia limitar-se apenas a perfeição e o rigor da norma culta, mas que seria muito além disso, seria uma ferramenta de reflexão e crítica social, servindo também como uma forma de entretenimento, como uma consciência crítica em relação a condição humana.

3.3 A contribuição crítica/militante de Lima Barreto em *Clara dos Anjos*.

Lima Barreto foi autor de várias obras, foi um crítico que teceu grandes contribuições para os meios intelectuais além de contribuir para a história do Brasil. No entanto, seu real valor foi durante muito tempo ignorado. Várias são as causas que corroboram para tal negligência. Sua origem social seria um dos principais motivos para que o autor fosse estigmatizado, isto em decorrência de sua origem, na qual Barreto não poderia competir com a falta de capital social e cultural que lhe faltava, e que muitos escritores contemporâneos possuíam. Outro fator contundente seria seu estilo literário inovador, da qual Barreto utilizou de forma corajosa, sendo contrário ao que estava em vigor no momento. Isto é, o estilo de Barreto é marcado por uma linguagem direta, evidenciadas através das críticas sociais.

Na virada do século XIX, Lima Barreto deu início a sua carreira literária, isso no sentido de aparecimento, onde ele seria visto, iniciando ali os primeiros passos do seu reconhecimento. Nesse período o que estava em vigência era determinados conceitos científicos, conceitos que se estruturavam nas relações humanas, onde o social era tentado ser explicado através de várias correntes filosóficas. Nessa perspectiva, o pensamento científico de Charles Darwin sobre a teoria da evolução tornou-se uma das teorias mais comentadas em todo o mundo e conseqüentemente no Brasil. Assim como esta, diversas teorias como de Auguste Comte com o positivismo e Karl Marx e Friedrich Engels com o socialismo, também ganhavam espaço. Essas teorias infiltraram-se nas camadas da sociedade brasileira, influenciando diversas áreas, até mesmo o meio literário: “Assim, nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX, temos o predomínio da crítica sociológica acompanhada por tendências positivistas, naturalistas, materialistas e deterministas”. (Nolasco-Freire, 2005, p. 41).

É nesse contexto que o escritor Lima Barreto entra em cena, onde escreve a obra *Clara dos anjos*, que tece reflexões e críticas acerca dos modos de vida da população negra

marginalizada. Em seu enredo a crítica social se desenvolve através da marcante personagem Clara dos Anjos, uma jovem humilde que mora no subúrbio, mas não tem nenhum conhecimento do que é ser negro em sua época. A narrativa vai desde aos relacionamentos entre as classes dominantes e suas as negligenciadas bem como as relações de poder até o sentimento do homem negro no período pós escravista.

A crítica de Barreto em *Clara dos Anjos* é militante ao ponto que o autor explora através de sua escrita as condições contraditórias vividas no subúrbio carioca. Barreto expõe de forma clara as descrições e o racismo estrutural velado através de seus personagens. A reflexão social a respeito da exclusão social está também atrelada a hipocrisia de uma sociedade que se configura como moderna, mas que por meio da discriminação velada desenvolve a opressão e exploração dos menos favorecidos.

A rigidez da sociedade em relação a ascensão econômica dos menos favorecidos são ressaltadas através de barreiras criadas justamente para romper com pensamentos que elucidem o crescimento de pessoas humildes e mestiças. Barreto vem retratar tais condições através de Clara que constitui-se como uma moça negra de origem humilde que apesar de suas qualidades não é considerada como alguém, sendo então prejudicada por tais condições. Clara é inserida dentro de uma sociedade patriarcal, a qual o homem está sempre presente como o responsável das tomadas de decisões em relação a vivência da família em que ele faz parte, sendo também responsável pelos destinos e decisões de cada filho, principalmente, quando estes são mulheres.

Segundo Navaz e Koller (2006):

A posição da mulher, na família e na sociedade em geral, desde a colonização até hoje, demonstra que a família patriarcal foi uma das matrizes de nossa organização social. As mulheres brasileiras, nas primeiras décadas do século culo XX, não haviam conquistado os direitos civis garantidos tipos ao homem. Precisavam exigir seus direitos de cidadã aumentar sua participação na vida pública. Em 1916, foi criado o Código Civil Brasileiro, patriarcal e paternalista, no qual constava que a mulher casada só poderia trabalhar Com a autorização do seu marido. [...] (Narvaz; Koller, 2006, p. 51).

Partindo então dessa perspectiva, a representação da mulher através da personagem Clara na obra de Lima Barreto retrata uma sociedade brasileira patriarcal do século XX, de modo que o autor faz profundas críticas às desigualdades de gênero que relacionam e internalizam as tensões sociais, culturais e econômicas, ressaltando os lugares sociais que cabem a mulher do século XX. Lugares estes que se restringiam ao papel de submissão e fazeres domésticos.

A contribuição de Lima no meio literário perpassa os limites da estética de seu tempo bem como alcança os lugares significativos de colaboração para a literatura preta, tornando-o um autor que aproximou consideravelmente o meio literário e as classes marginalizadas e inspirou outros autores da comunidade negra, afirmando seu lugar de fala como sujeito negro participante da sociedade em que está inserido, assim como afirmou seu lugar como um grande escritor da literatura crítica e histórica. Da mesma forma ocorre com seu estilo linguístico, com uma linguagem simples e direta, Lima Barreto favoreceu a democratização da literatura através de suas produções e principalmente através da escrita de *Clara dos anjos*.

4. CLARA DOS ANJOS DE LIMA BARRETO: os modos de existir da figura negra feminina no subúrbio carioca do século XX.

Este capítulo aborda de forma crítica a singularidade da mulher negra a partir da obra *Clara dos Anjos* com o intuito de examinar e compreender os papéis da mulher em um contexto construído nos modelos herdados do período escravocrata. A análise se concentra na complexidade das experiências vividas nesse período, demonstrando como os valores baseados nos moldes da discriminação e subjugação influenciavam suas vidas. Além de buscar as possíveis consequências na invisibilidade social da mulher negra, retratadas através de uma narrativa construída por meio de uma base hierarquizada por questões de raça e de gênero.

4.1 A invisibilidade e marginalização da mulher negra.

A condição da mulher negra em muitas obras entre a virada do século XIX para XX, por muito tempo ficou marcado como relações que giravam em torno da desigualdade de gênero. Isso se reforçou em inúmeros casos, evidenciando a condição delas em uma sociedade patriarcal. Lima Barreto, nesse cenário, através da obra *Clara dos Anjos*, mostra qual era o lugar destinado a essa figura dentro da sociedade urbana, de modo que a opressão, submissão e a pouca expectativa de um futuro melhor seria o que caracterizavam a vida de mulheres pretas do século XX.

Essa sociedade de grande poder masculino, era a responsável por ditar as regras e os modos de vida dos grupos sociais minoritários e, principalmente, das mulheres negras. O reconhecimento de lugar e de voz era marcado por um processo de trajetória difícil e dolorosa, buscando além de um lugar, uma afirmação de identidade. Durante bastante tempo, essas mulheres foram invisíveis no que se refere a suas atuações na construção da sociedade brasileira. A herança da escravidão ficou fincada em diversas esferas sociais, impossibilitando, mesmo após a abolição em 1888, a suas atuações como cidadãs ativas, O que resultou em trabalhos de submissão e subalternidade, levando-as a continuidade de prestar serviços domésticos em escalas que não variavam os setores e os salários.

A realidade no início do século XX é bastante complexa. A marginalização que a mulher negra sofria era multifacetada e a desigualdade permeava em contextos de raça, gênero e classe. Pode-se perceber que estas se encontravam desde muito cedo vulneráveis aos tratados da sociedade, sem nenhum tipo de respaldo legal. Evaristo (2009) diz que “a ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo

que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados”.

A mulher negra aqui se encaixa no papel que foi designado às suas ancestrais, ou seja, após o período escravocrata, os resquícios deixados por ele se sobrepuseram aos que passaram pelo processo e aos que herdaram as sequelas desse período. É nesse contexto, que Lima Barreto insere sua obra *Clara dos Anjos*, cuja protagonista leva o mesmo nome. Ele posiciona a jovem Clara em um ambiente marginalizado, caracterizado pelas mazelas do subúrbio carioca do século XX.

A obra é contada em 3º pessoa, esse aspecto permite ao narrador tece reflexões acerca dos acontecimentos vividos pelos personagens do subúrbio. A discriminação e a falta de acesso a praticamente tudo é destacado pelo narrador em passagens visíveis e vividas por Clara dos Anjos.

Lima Barreto traz à tona temas contundentes que denunciavam vários aspectos da vivência das mulheres negras, entre eles estavam a desigualdade de gênero e a discriminação racial. Em *Clara dos Anjos* o patriarcalismo se situa como elemento de poder, no qual o homem detém a maior parte da liderança, esse poder predominava em lugares políticos, valores morais e privilégios sociais.

As personagens femininas da obra são caracterizadas sempre como inferiores aos personagens masculinos, isso pode ser notado através das denominações dadas à elas, pois são sempre descaracterizadas em comparação aos personagens masculinos. Em sua maioria, o que ocorre é a retratação de papéis tradicionais. Pode-se perceber nas seguintes personagens esses elementos de inferioridade: A jovem Clara é denominada sempre como mulata e ingênua. Sua mãe, Dona Engrácia, é construída como uma dona de casa sem muitas pretensões, ou seja o narrador a adjetiva como uma mulher “caseira”. O trecho a seguir evidencia esse deslocamento de atuação referente às mulheres pretas na narrativa: “o seu ideal era Clara, pobre, meiga, simples, modesta, boa dona-de-casa, econômica que daria, para o pouco que ele poderia vir a ganhar...” (Barreto, 2021, p.126), assim pode-se inferir que a mulher nesse contexto não teria possibilidade de escolhas. Quando se olha para essa situação é possível perceber que o que restava para as mulheres era o lugar de dona de casa, cujo seus objetivos e expectativas seriam únicos e exclusivos para o marido e a família.

Ao contrário do que é constituído para as mulheres pretas, os personagens masculinos da narrativa são, na maioria das vezes, citados de acréscimos que os caracterizam como algo relevante dentro da sociedade. É evidente que os homens negros da narrativa também passam

situações discriminatórias, visto que eles também se situam como moradores negros e pobres do subúrbio, contudo a postura em relação as mulheres ganham um grau de complexidade ainda maior no que diz respeito à sua visibilidade como cidadãs, pois somente o fato de serem mulheres as colocam em posições de inferioridade aos homens.

Em seus estudos Ribeiro (2017, p. 35) ressalta que: “de modo geral, diz-se que a mulher não é pensada a partir de si, mas em comparação ao homem”, nesse sentido, são atribuídos acréscimos de poder, promovendo, mesmo que indiretamente, a desigualdade de gênero. A exemplos desses aspectos tem-se os seguintes personagens: Joaquim Dos Anjos - “o carteiro”, Leonardo Flores - “um verdadeiro poeta”, e o Praxedes Marias dos Santos - “o doutor Praxedes”.

A voz também seria um agravante dentro desse contexto. O silenciamento e a subjugação corroboram para uma realidade de invisibilidade e marginalização. As mulheres não detinham o poder das tomadas de decisões em diversos segmentos, o que levaria a certos limites em suas vozes, impedindo-as de expressarem opiniões e participarem significativamente de decisões importantes dentro da sociedade. A partir disso, Lima Barreto mostra esse silenciamento por meios de personagens e paisagens que evidenciam como se dava essas desigualdades.

No desenvolvimento na narrativa a jovem Clara fica deslumbrada pelo personagem Cassi Jones, ele na obra é caracterizado como uma personagem boêmio que tem o dom da conquista e utiliza isso para colecionar vítimas a fim de saciar seus desejos carnavais. E Clara descrita como uma moça ingênua, acaba por se tornar mais uma dentre tantas.

Clara ouvia esse diálogo com muita atenção e forte curiosidade. Num dado momento, não se conteve e perguntou: - **O que é que esse Cassi faz, padrinho? a mãe acudiu ríspida, dizendo: - Não é de tua conta, bisbilhoteira!** a única filha do carteiro, Clara, fora criada com o recato e os mimos que, na sua condição, talvez lhe fossem prejudiciais. [...]Essa clausura mais alanceava sua alma para sonhos vagos, cuja expansão ela encontrava nas modinhas e em certas poesias populares (Barreto, 2021, p. 38.39, grifos nossos).

O que se pode constatar no trecho acima é que mesmo a protagonista sendo a jovem Clara ela é construída por Lima Barreto paradoxalmente como não ativa em sua própria história. Assim, Clara é apresentada como personagem passiva, de maneira que todas as decisões que influenciaram a sua trajetória de vida foram circunstancialmente guiadas por pessoas que fizeram parte direta e indiretamente da sua vida. Essa característica passiva pode ser entendida como uma escolha intencional e metafórica do autor, na qual ele utiliza da ausência da voz de Clara como um reflexo das estruturas sociais da época, visando uma reflexão no modo de vida das mulheres negras, que herdaram um legado de opressão.

Outra passagem que pode indicar essa limitação que a protagonista tem de se posicionar frente aos acontecimentos de sua vida: “veio o dia da festa; a pequena casa regurgitava; e – coisa curiosa – havia mais convidados de idade meã que moças e rapazes. Isto se explicava pela estreiteza de relações de Clara e dos seus pais, devido à vida que levavam” (Barreto, 2011, p. 20).

Esse isolamento social limita a protagonista a viver em um círculo de pessoas da sua faixa etária, indicando uma referência a sua passividade e a invisibilidade, tendo em vista que ela como uma jovem negra tinha menos oportunidades de convívio interacional do que uma jovem branca, impossibilitando uma integração em círculos sociais mais variados e amplos. Nesse sentido, Djamila Ribeiro (2017, p. 60) salienta que: “uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, [...]

[...] ele sempre observou **a atmosfera de corrupção que cerca as raparigas do nascimento e da cor de sua afilhada**; e também o mau conceito em que se têm as suas virtudes de mulher. **A priori, estão condenadas**; e tudo e todos pareciam condenar os seus esforços e os dos seus para elevar a sua condição moral e social (Barreto, 2021, p. 38, grifos nossos).

Esse trecho diz respeito a um momento de reflexão feito pelo padrinho da protagonista, o personagem se mostra um tanto preocupado com o desenvolvimento social de sua afilhada. Essas indagações feitas por ele, abrange um leque de vários apontamentos sobre a condição de sua protegida enquanto mulher negra, posto que a expressão “atmosfera de corrupção” pode indicar um ambiente em que sua moralidade e virtude são constantemente questionadas. “A priori, estão condenadas” constata a duplo preconceito enfrentados por Clara, sua condenação a uma fatalidade a qual suas chances de ascensão moral e social são praticamente inexistentes, pois seu destino foi decretado antes mesmo de nascer. E isso diz muito sobre uma “pobreza hereditária” visto que suas tentativas de evolução são recorrentemente frustradas pelas estruturas morais e legais apresentadas de forma redigida e desiguais.

Essa hereditariedade pode ser pensada como uma transmissão da pobreza, marginalização e discriminação perpassadas de geração em geração, o que reflete nessa condenação determinada, pois o contexto do século XX, apresentou um momento de uma liberdade parcial, de modo que os decentes de pessoas escravizadas levaram consigo um legado de muitas limitações, violência e opressão. Isso se reflete diretamente na postura das mulheres negras, esse ciclo difícil de ser quebrado impactou no sistema educacional prestados às mulheres, as instruções e habilidades eram apresentadas de forma restrita e limitada. O que poder ser observado por meio da afirmação do narrador em relação a mãe de Clara.

Engrácia foi criada com mimo de filha, como os outros rapazes e raparigas, filhos de antigos escravos, nascidos em casa dos Teles [...] **Engrácia recebeu boa instrução, para a sua condição e sexo; mas, logo que se casou – como em geral acontece com as nossas moças -, tratou de esquecer o que tinha estudado.** O seu consórcio com Joaquim, ela o efetuara na idade de dezoito anos. (Barreto, 2021, p. 52, grifos nossos). Esse trecho aponta para essa limitação e desigualdade, de modo que quando o narrador diz que **“recebeu boa instrução, para sua condição de sexo”** indica que ela foi privilegiada em receber boas instruções, pois a educação das mulheres não era desenvolvida de forma completa e nem adequada se for posto em comparação aos homens. Seus papéis eram condicionados às restrições do casamento. Nesse sentido a sociedade era tendenciada a desvalorizar a capacidade e o conhecimento feminino. E por isso Engrácia **“logo que se casou [...] tratou de esquecer o que tinha estudado”**.

4.2 A vida no subúrbio carioca.

O subúrbio é uma palavra que inferioriza determinado ambiente e a população que nele se situa. Dentro do português essa palavra carrega de sentimentos ambíguos, seu uso muitas vezes traz um sentido pejorativo, caracterizando os moradores desse território como pessoas sem dignidades e valor nenhum. Seu prefixo ‘sub’ pode indicar vários significados em diferentes contextos, nesse, em especial, ele se particulariza em determinar algo (próximo ou a volta algo ambiente) a raiz da palavra ‘urbio’ que vem do latim “*urb*” refere-se a cidade. Nesse sentido, a junção desses elementos indica que algo está á volta ou próxima a cidade. Para além disso, ‘sub’ também pode indicar subalternidade, algo que está abaixo de outro, categoricamente ou hierarquicamente.

Na virada do século XIX para o XX, acontecia, na capital do Brasil, um processo de modernização dos espaços urbanos, em decorrência disso os valores capitalistas se encontravam cada vez mais incorporados no seio da população, opondo-se ao que estava em vigência nas décadas anteriores, pois o sistema escravista cada vez mais entrava em declínio. Assim, esses espaços eram caracterizados em grande parte como áreas de habitação popular, de modo que ele era mais acessível financeiramente para os que se enquadravam na classe de baixa renda. Apesar de receber moradores considerados pela elite como “miseráveis”, nesses espaços também residiam pessoas de classe média para os padrões da região. Esses grupos mais abastados se diferenciavam dos demais, ocorrendo também dentro dos subúrbios a divisão de classes.

Nesse contexto, Lima Barreto narra fatos do cotidiano suburbano, expondo a dura realidade vivida por parte da popular carioca. De modo, estes apesar de terem moradias, um lugar pra se viver, sofriam com o descaso do governo e da elite, pois em sua maioria as condições de vida giravam em torno de condições precárias como a falta de infraestrutura básica, melhores condições de emprego, transportes e saneamento básico. A vida para as mulheres pretas se resumia ao trabalho doméstico, que era marcado pela discriminação racial, relegando-as a posições de menor empregos e salários. E a única forma de se ter uma melhor condição de vida era conseguindo um bom casamento.

O espaço em que uma determinada obra é narrada muitas vezes torna-se um aspecto fundamental para o desenvolvimento da trama, as composições que constituem os elementos da obra, bem como os personagens, costumes e comportamento, também são influenciados pelo espaço e tempo. O ambiente pode dar sentido a uma determinada ficção. Em *Clara dos Anjos*, Lima Barreto não se limita a falar dos locais, tecendo, a partir do narrador, reflexões de mundo na exemplificação dos espaços, sendo possível se fazer uma associação mais ou menos completa entre a representação do autor com a realidade humana.

A partir dessa perspectiva, é possível notar uma característica bastante marcante de Lima Barreto, ele utiliza da descrição para evidenciar como é composta a vida dos moradores. Ele abre a obra narrando a casa de Joaquim dos Anjos, de maneira que ele não só fala da casa no interior, mais também ele situa a casa exteriormente. Descreve a natureza, as ruas, as casas, edifícios antigos, bairros etc. Todos esses elemento são intencionalmente revelados para destacar a condição social dos habitantes:

Agora, porém, e mesmo há vários anos, estava em plena posse do seu “buraco”, como ele chamava a sua humilde casucha. Era simples. Tinha dois quartos; um que dava para a sala de visitas e outro para a sala de jantar, aquele ficava à direita e este à esquerda de quem entrava nela. À de visitas, seguia-se imediatamente a sala de jantar. Correspondendo a pouco mais de um terço da largura total da casa, havia, nos fundos, um puxadito, onde estavam a cozinha e uma despensa minúscula. Comunicava-se esse puxadito com a sala de jantar por uma porta; e a despensa, à esquerda, apertava o puxado, a jeito de um curto corredor, até a cozinha, que se largava em toda a largura dele. A porta que o ligava à sala de jantar ficava bem junto daquela, por onde se ia dessa sala para o quintal. [...] Fora do corpo da casa, existia um barracão para banheiro, tanque, etc., e o quintal era de superfície razoável, onde cresciam goiabeiras, dois pés ou três de laranjeiras, um de limão galego, mamoeiros e um grande tamarineiro copado, bem aos fundos (Barreto, 2021, p. 09).

Nessa passagem, o narrador já revela a condição social da protagonista, onde ele utiliza de expressões como “simples” e “casucha” para revelar uma estrutura um tanto modesta. Na opinião de Joaquim Dos Anjos ela é chamada de “buraco”, o que pode ser entendido como uma marginalização internalizada por ele, ou seja, o próprio Joaquim se inferioriza socialmente. A

expressão “puxadito” é uma variação do termo “puxado” que se refere a uma extensão feita para ampliar algum edifício. Nesse caso, em especial, foi feito um anexo para expandir a área da casa de forma útil e econômica. O narrador menciona o fato do pai de Clara estar em “plena posse do seu buraco”, o que indica que é uma conquista significativa para a família de Clara, tendo em vista o contexto onde ela está inserida, no qual muitos viviam em condições de aluguel.

A todo momento o autor revela os modos de vida dos personagens, de maneira que vez ou outra ele destaca alguma característica que tem como objetivo criticar esses ambientes enquadrados na época como “malefícios” da sociedade. Num outro momento, o autor dedica todo um capítulo para descrever a composição do subúrbio, no qual ele menciona as estruturas arquitetônicas das casas e edifícios, bem como a pavimentação e formas de comportamento:

Lafões morava bem próximo do reservatório do Engenho de Dentro. Uma tarde, Cassi tomou o bonde de Piedade, que, para ir a essa estação, logo após o Méier, se interna para os lados da serra, toma ruas despovoadas e, por fim, a do Engenho de Dentro. O caminho era então pitoresco, não só pelos restos de capoeira grossa que ainda havia, mas também pelas casas roceiras de varanda e pequenas janelas de outros tempos. Caminho de “tropa”, talvez, os engenheiros da light só se deram ao trabalho de fazer sumários nivelamentos. Os altos e baixos, os atoleiros e atascadeiros, consolidados com gravetos e varreduras de capinas, transformaram o caminho do bonde, naquele trecho, numa montanha-russa, com a lembrança, de um lado e outro, do espetáculo do que seriam ou do que são os caminhos do nosso interior, pelos quais nos chegamos os cereais e a carne que comemos. (Barreto, 2021, p. 63).

Aqui o narrador descreve o trajeto em que o personagem Cassi faz para encontrar um amigo. Ele destaca aspectos paisagísticos e a estrutura do local. E mais uma vez pode-se perceber a precariedade dos locais em que se encontrava a personagem Clara. É possível notar também que apesar dos grandes centros urbanos onde ficava localizada a elite serem tomadas pela grande revolução da modernização, na qual as ruas eram bem localizadas e projetadas, os subúrbios ainda continham um aspecto de transição entre o presente e o passado, pois o narrador descreve o espaço como “caminho pitoresco”, “capoeira grossa” e “casas roceiras de varanda”, dando um sentido de transição entre o ambiente urbano e o rural, o que se reflete a uma urbanização parcial e velada, se levado em consideração que os subúrbios se localizavam às margens dos espaços elitizados.

Os fregueses continuavam a chegar; em geral, eram crianças e mulheres. As suas compras eram pobres: dois tostões disso, quatrocentos réis daquilo – compras de gente pobre, em que raramente se via nelas incluído meio quilo de carne-seca ou um de feijão. Tudo não excedia a tostões. Mesmo atendendo aos fregueses, sozinho, pois os caixeiros tinham ido correr a clientela fixa do armazém, “Seu” Nascimento não perdia o fio da conversa, e ela continuava naturalmente. (Barreto, 2021, p. 59).

O que pode ser observado nesse trecho é a representação do cotidiano em um armazém de um bairro do subúrbio. A desigualdade social fica evidente aos olhos de quem lê, de modo

que as compras descritas são caracterizadas como de baixo valor. As expressões “dois tostões disso” e “quatrocentos réis daquilo” indicam a precariedade financeira dos fregueses, pois se consegue adquirir produtos básicos para a sobrevivência. A estrutura familiar também é algo a ser analisado, visto que o que se percebe é a presença predominante de crianças e mulheres, o que ratifica o pensamento de que as mulheres seriam as responsáveis exclusivas para realizar os trabalhos domésticos, bem como os cuidados da família.

4.3 A submissão da mulher preta nas relações inter-raciais.

As relações amorosas em que as mulheres negras faziam parte eram profundamente marcadas e influenciadas pelas relações de poder, racismo e sexismo. As hierarquias seriam a base que determinaria os processos de enlances entre as relações costumeiras da época: homem branco com uma mulher branca e um homem negro com uma mulher negra, ao passo que também determinaria as relações interracialis muitas vezes vista pela sociedade como estranhas e inadequadas. Essa hierarquia se dividia entre aspectos raciais e de gênero, de modo que o homem branco ficava no topo, seguido da mulher branca e logo abaixo estariam o homem negro e por fim a mulher negra. Essas determinações influenciaram as escolhas de parceiros frente aos modelos da época.

Esses relacionamentos em determinados casos se resumiam a exploração e a objetificação. As mulheres negras eram frequentemente tratadas como objetos sexuais. Assim, nesses cenários, as mulheres não detinha do poder ou da voz para se defender dos abusos sofridos. Na maioria dos casos consistiam em se tratar de abusos físicos, sexuais e psicológicos, em outros os contextos em que estas se encontravam a forçavam a entrar em relações que as colocavam em posições de desigualdade e explosão.

A hipersexualização dos corpos negros, frente ao pensamento de mercadoria sexual que por muito tempo foi perpetuado no Brasil e no mundo, contribuiu para a propagação de pensamentos pejorativos e estereotipados que se refletiu diretamente na autoestima da população negra. A verossimilhança entre a obra *Clara dos Anjos* e a realidade humana permite um enlace de comparações que se concretizam na veracidade das abordagens. A representação da mulher negra na obra é construída a partir de viés sociológico frente às relações de poder e consequentemente as relações inter-raciais.

As relações amorosas estabelecidas em *Clara dos Anjos* em sua maioria é composta por pessoas brancas e/ou negras, pardos e brancos. Mas o que pode ser entendido a partir dessas composições é a tentativa de embranquecimento como uma defesa das formas de opressão e

uma maneira de ser aceito pela sociedade, o que através dessas relações poderiam vir a surgir a ascensão econômica e moral das pessoas negras da época.

“Tu” é “mao”, mas tua mãe é pior. Quando ela descobriu “qui” eu “tava” com “fio” na barriga, “mi pois” pela porta afora, sem pena, sem dó “di” eu não “tê pronde í”. E o “fio” era neto dela e ela “mi” tinha criado... Vim da roça... Ah! Meu Deus! Se não fosse uma amiga, tinha posto o “fio” fora, na rua, que era serviço... Deus perdoe a “tua” mãe o que “mi” fez “i” a meu “fio”, “fio” deste “qui tá í”, também, Deus lhe perdoe! e a pobre negra abaixou-se para apanhar a barra da saia enlameada, a fim de enxugar as lágrimas com que chorava o seu triste destino, talvez mais que o dela, o do seu miserável filho, que, Antes dos dez anos, já travara conhecimento com a Casa de Detenção... (Barreto, 2021, p. 123).

Nesse trecho, o personagem Cassi é abordado por uma mulher negra que o acusa de tê-la abandonado à própria sorte. O que fica evidente é a posição em que ela é colocada, a mulher em questão é caracterizada como uma “pobre negra” que foi abandonada após ter sido seduzida por Cassi, um homem branco que a via somente como uma mercadoria sexual, uma conquista.

Ela se encontra grávida e mesmo após esse fato a família a qual ela havia sido “acolhida” a renega, pelo fato dela ser pobre e negra. De modo que a mãe do personagem Cassi não acertaria o filho dentro de um relacionamento inter-racial.

A relação de Cassi Jones com a Jovem Clara estava longe de ser um sentimento verdadeiro e que estaria ligado diretamente à igualdade. O que se pode perceber é que nem ela nem as outras moças em que ele se relacionou, partiu de um interesse verdadeiro.

Sabe quem é este Cassi? Se o pai não quer saber dele, é porque boa coisa ele não é. Ele não só desonra a família dos outros, como envergonha a própria. As irmãs, que são moças distintas, já podiam estar bem casadas; mas ninguém quer ser cunhado de Cassi. Ele se diz sempre correspondido, que se quer casar, etc., para dar o bote. Quando fica satisfeito, escorrega pelas malhas da justiça e da polícia, e ri-se das pobrezinhas que atirou à desgraça. Você não vê que, se ele e se quisesse casar, não escolheria Clara, uma mulatinha pobre, filha de um simples carteiro? Sou teu amigo, Joaquim... É o que eu penso também – fez Dona Engrácia. – Ele pode achar muitas em melhores Condições... (Barreto, 2021, p. 106).

Esses interesses eram vistos pela sociedade como uma loucura ou alguma forma de ascender socialmente, o que fica evidente nesse trecho, pois o que se nota é o questionamento de uma possível legitimidade entre um possível enlace entre Clara, uma jovem negra, e Cassi, um homem branco. De forma que as seguintes expressões: “uma mulatinha” e “filha de um simples carteiro” a desqualifica frente a outras moças brancas ou que possuem uma maior aquisição econômica. Não a escolhendo caso este tivesse interesse no casamento. O que afeta diretamente na autopercepção e identidade que Clara tem de si, o que pode ser percebido na expressão “muitas em melhores condições”, pois sua mãe carrega preconceitos que foram internalizados, que são consequentemente perpassados de geração em geração.

Seu sentimento ficava reduzido ao mais simples elemento do amor – a posse. Obtida esta bem cedo, se enfarava, desprezava a vítima, com a qual não sentia ter mais nenhuma ligação e procurava outra” (Barreto,2011, p. 78).

O que Lima Barreto passa através dessa afirmação dada pelo narrador é que o personagem Cassi representa a configuração de muitos homens brancos que apenas usava as mulheres negras, as colocando em posições de produtos sexuais. Um tipo de comportamento herdado e mantido por eles, que perdurou por muitos anos do período escravocrata, em que muitas moças eram violentadas por seus senhores. Cujos frase “ficava reduzido ao simples elemento do amor” pode indicar uma redução do sentimento de amor para algo relacionado a posse, ao poder predatório, substituindo uma possível conexão verdadeira, para uma satisfação de êxito em relação às necessidades e desejos egoístas.

Ao abordar essas situações de forma tão precisa, Lima Barreto consegue majestosamente empregar a mimeses a partir de uma crítica social que se constroi com a redução das mulheres negras a desqualificação em relação aos enlaces da época. Essa problemática é apresentada não só como um acontecimento ou comportamento isolado, e sim como uma consequência de uma sociedade profundamente marcada pela desigualdade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Lima Barreto apresenta uma protagonista cujo processo de construção se deu de forma tímida, na tentativa de extrapolar os modos de existência da mulher preta. Com base nisso as discussões levantadas nesse trabalho buscou compreender essa configuração de modelos (pre)estabelecidos pela sociedade do século XX. Para isso, foi realizado inicialmente um percurso que levantou aspectos entre literatura, a crítica e a sociedade, isto é, o papel da sociocrítica e a sua relação com a obra analisada e a vida do autor. A ampla abrangência de uma literatura negra em Lima Barreto trouxe ponderações que circulam não só no campo cultural enquanto literatura, mas também trouxe aspectos que possibilitou estudar a realidade humana, visualizando para além de um caso isolado, uma decadência coletiva.

Em *Clara dos Anjos*, essa decadência foi devolvida através de um contexto construído coletivamente. A introdução do subúrbio carioca como aspecto chave da narrativa desencadeou um leque de possibilidades discursivas que foi possível apresentar através das discussões dessa pesquisa uma sociedade ainda marcada e assombrada pela escravidão. Os males referentes à pobreza, marginalização, desigualdade, invisibilidade e opressão são refletidas a partir da desenvoltura da personagem Clara dos Anjos, que representa as mulheres negras como uma camada minoritária da sociedade que vivem os diversos tipos de restrições.

A análise crítica referente aos discursos literários parte por vezes na capacidade de encontrar na estrutura interpretativa de um aporte teórico as perspectivas da sociedade frente aos simbologia e ideologias da vida humana. Nesse viés, buscou-se por meio de Antonio Candido (2006), Aristóteles (2008), Conceição Evaristo (2009), Djamilia Ribeiro (2017), Alfredo Bosi (2013) e entre outros autores, compreender a relação entre linguagem literária de Lima Barreto e a realidade humana, visualizando a dinâmica social em que a mulher negra é participante. O que constatou-se com a leitura e análise de *Clara dos Anjos* foi que o contexto sócio-histórico e sociocultural do século XX, influenciou de forma negativa o desenvolvimento da mulher negra enquanto cidadãs ativas na sociedade brasileira.

O lugar da mulher, conforme foi apresentado, demonstram atitudes passivas e subalternas, relegadas pela sociedade como incapazes de destinos melhores do que uma vida de submissão ao casamento e condutas de valores morais. Dessa forma, entende-se que Lima Barreto usou dessa abordagem passiva de Clara para evidenciar que apesar dessa modernização da sociedade, de novos feitos para a comunidade negra, como uma liberdade e uma vida igualitária, o direito à educação, as mulheres negras ainda eram excluídas e desqualificadas em

relação aos homens brancos, aa mulheres brancas e os homens negros, as colocando em último lugar na hierarquia social.

REFERÊNCIAS.

ARISTÓTELES. **A arte poética. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin**

ARISTÓTELES. **Poética**. 3. Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal** [tradução feita a partir do francês por Maria Santina Galvão G. Pereira revisão da tradução Marina Appenzellerl. – 2' cd. São Paulo Martins Fontes: [s.n.].

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. 1. Ed. Londrina, PR: Livrarias Família Cristã, 2021.

BARRETO, Lima. **Impressões de Leitura e outros textos**. 1. Ed. São Paulo: Penguin Classics companhia das letras, 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39. Ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9. Ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, v. 13, n. 25, p. 17-31, 17 dez. 2009.

FREIRE, Zélia Nolasco. **Lima Barreto: imagem e linguagem**. 1. Ed. São Paulo: Annablume, 2005 (Artigo).

NARVAZ, Martha Giudice e KOLLER, Sílvia Helena. **Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa**. *Psicologia & Sociedade* [online]. 2006, v. 18, n. 1 [Acessado 10 Junho 2024], pp. 49-55. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.